

Práticas de letramento em um *blog* escolar e as relações de poder-saber nas posições de sujeito

Samanta Rodrigues Sousa Sozzi*
Jackeline Rodrigues Mendes**

Resumo

O letramento, um fenômeno essencialmente social, visto em sua multidimensionalidade a partir das diversas práticas sociais que tomam a leitura e escrita como centralidade em diversos contextos de produção, leva-nos a discutir as diversas relações estabelecidas nos processos de subjetivação gerados pela participação em tais práticas. Para tanto, o presente artigo é parte de pesquisa realizada (Sousa-Sozzi, 2010) e analisa identidades sociais e relações de poder-saber estabelecidas em práticas pedagógicas mediadas por um *blog* como recurso tecnológico no contexto escolar. O trabalho de pesquisa fundamenta-se nas perspectivas de Hall (2005) e Bauman (1999; 2005) que contextualizam a contemporaneidade e o jogo de identidades. Discute-se também sobre a posição da escola frente a esse panorama e como as práticas de letramento escolar abarcam os sujeitos da sociedade atual (Kleiman, 1995; Street, 1984), entrelaçados pelas novas práticas letradas (Soares, 2003). As teorizações de Foucault (2004a; 2004b; 2008; 2009) a respeito de *discurso*, *sujeito*, *regimes de verdade* e *relações de poder-saber* completam nosso arcabouço teórico. A análise levanta questões sobre como as relações de poder-saber construídas na escola conduzem os sujeitos, no espaço virtual, a posicionamentos identitários marcados no espaço escolar.

Palavras-chave: Sujeito – *Blog* Escolar – Práticas de Letramentos – Relações de Poder-Saber

Literacy Practices in a school *blog* and the knowledge-power relationship in the positions of subject

Abstract

Literacy, an essentially social phenomenon, seen in its multidimensional from the various social practices that take the reading and writing in various contexts as a central production, leads us to discuss the various relationships established in the subjective processes generated by participation in such practices. Therefore, this present article is part of a research (Sousa-Sozzi, 2010) and analyzes social identities and relations of power-knowledge established in pedagogical practices mediated by a *blog* as a technological resource in the school. The research work lays the foundation of the Hall's (2005) and Bauman's (1999; 2005) perspective that shows the contemporary context and the identity games. It discusses also about the school position in front of this scenery and how the school literacy practices embrace the subject of the present society (Soares, 2003). The Foucault's theorizations (1995; 2004a; 2004b; 2008; 2009) concerning *discourse*, *subject*, *truth systems* and *knowledge-power relationship* complete our theoretical framework. The analysis raises questions about how knowledge-power relationship constructed in schools lead the subject, in the virtual space, to identities positions marked in school.

Keywords: Subject – School *Blog* – Literacies Practices – Knowledge-Power Relationship

Introdução

O surpreendente avanço tecnológico, principalmente dos recursos de informação e comunicação, tem abalado significativamente o pensamento do sujeito moderno, cujas convenções morais e sociais se encontravam bem delineadas e definidas (Bauman, 2005; Hall, 2005). A presença do computador nos mais variados setores da vida social impulsionou revoluções que incidiram, sobretudo, sobre as relações entre tempo e espaço. A internet rompeu as fronteiras espaciais globais e promoveu o acesso rápido às informações, bem como gerou novas

formas de comunicação amparadas nas redes virtuais. Isto é, a virtualidade abriu caminhos possíveis, uma vez que se fez presente de forma abstrata (Levy, 2003; Mascia, 2004), contudo ofuscou a noção de sujeito, no sentido que o perturbou a medida que se emergiam (e emergem) novos estilos de vida e cultura diferentes dos padrões pré-estabelecidos da/modernidade, propiciando um repensar e uma reconfiguração das identidades e relações sociais.

Essas transformações do mundo globalizado também se refletem nas práticas escolares e, principalmente, na constituição de diversos tipos de sujeitos sociais (Moita Lopes, 1998). A utilização das

*Endereço eletrônico: samantarsousa@gmail.com

**Endereço eletrônico: Jackeline.rodriques@saofrancisco.edu.br

ferramentas tecnológicas cada vez mais presentes nas práticas sociais tem exigido dos sujeitos competências e habilidades específicas tanto de leitura quanto de escrita, propiciando novas modalidades de letramento (Braga, 2005; Marcuschi, 2005; Soares, 2003).

Entendemos por letramento as práticas sociais mediadas pelo uso da escrita, nas quais os aspectos socioculturais estão intrinsecamente relacionados aos modos de significação que se concebe essa escrita no processo de leitura (Barton, 1994; Kleiman, 1995; Street, 1984). Entretanto, por muito tempo os estudos sobre leitura e escrita estiveram centrados na aquisição de habilidades de decodificação linguística como um sistema único e isolado em si, isento de influências sociais, princípio este que se arraigou na instituição escolar. Essa modalidade autônoma de letramento escolar (Street, 1984) entra em embate com as novas concepções de leitura e escrita que permeiam a sociedade contemporânea, pois reconfigura essas habilidades, principalmente ao que se refere às noções de temporalidade e espacialidade (Soares, 2003).

A leitura no papel impresso estimula uma passagem linear e pré-determinada pelo texto, uma vez que ele se encontra acabado e devidamente sequenciado na mão do leitor, direcionando o percurso da leitura, o que limita de certa forma a abrangência leitora inclusive com a apropriação do objeto que se lê: o sujeito e o texto compartilham de um mesmo tempo e espaço. A virtualidade rompe com essa ideia a medida que possibilita uma infinidade de hipertextos interligados por links que são vínculos de textos na internet presentes nas produções de escrita digital, as quais apresentam novas informações como outros textos, imagens, gráficos ou redirecionam para outros sites, páginas da web (Pinheiro, 2007, p.76). Esses textos, no entanto, não estão obrigatoriamente presentes numa mesma linearidade de tempo e lugar (Marcuschi, 2001; 2005). Por exemplo, uma pessoa pode percorrer caminhos diferentes de leitura sobre um mesmo tema anteriormente estudado na internet em outro momento, acessando links diferentes e diversos.

Nesse sentido, as novas práticas de letramento colocam em choque antigas concepções de leitura e escrita, principalmente as praticadas na escola, trazendo à tona conflitos identitários para os membros desse contexto, pois qual modelo de representação os sujeitos devem se apropriar ao participar dessas novas práticas?

Diante de tal questão, este estudo investiga como o uso de um blog da internet em práticas

pedagógicas de ensino de língua materna estabelece relações específicas de poder-saber que implicam na constituição identitária dos sujeitos. Por meio das produções escritas dos alunos e da professora, veremos que nessas práticas letradas circulam diversos modelos de representação social, já que são entendidas como práticas discursivas, nas quais os sujeitos se engajam a fim de identificar-se no mundo.

Desse modo, as questões que nortearam este estudo procuraram investigar práticas de letramento e suas relações com o poder-saber como formas de produção de identidades, configuradas da seguinte forma:

- Que identidades sociais emergem nas produções escritas em práticas de letramento mediadas por um blog escolar?
- Que relações de poder-saber são estabelecidas em um blog escolar?

Neste artigo apresentamos um recorte que discute a “escolha” da professora em trabalhar com blog e não outro recurso tecnológico da internet, o que a encaminha a uma certa posição de identidade assim como os alunos também são levados respectivamente a outras tantas posições identitárias. Veremos na seção seguinte a fundamentação dos conceitos de sujeito, visto não como centrado em sua subjetividade, consciente de si, mas como construção sociodiscursiva (Foucault, 2004a; 2008) que o leva a ocupar posições de identidade (Hall, 2005; Bauman, 2005) a partir de modelos de representação (Woodward, 2008).

Sujeito e Identidades: Representações em Discurso(s)...

Tendo em vista que quando nascemos os discursos já nos permeiam por todos os lados, em constantes circulações por meio da linguagem, podemos afirmar que os sujeitos são oriundos desses discursos. A linguagem na visão foucaultiana vem de encontro à acepção literal do termo que compete atribuir significações às coisas do mundo e aos nossos pensamentos. Ao invés disso, o filósofo concerne linguagem como uma construção de nosso pensamento que, conseqüentemente, dá sentidos às coisas do mundo (Veiga-Neto, 2005).

Das proposições bakhtinianas de linguagem, destacamos os aspectos dialógico e polifônico, uma vez que contempla a ideia de que nenhum texto (seja ele de qualquer materialidade: verbal ou não-verbal) existe isoladamente, isto é, mesmo contido em nosso

pensamento estamos a todo momento “dialogando” e/ou “respondendo” a outros textos, a múltiplas vozes, tanto na leitura quanto na escrita, o que caracteriza uma permanente intertextualidade discursiva. Nas palavras de Foucault (2008), isso quer dizer que não existe enunciado que não retome, que não atualize e/ou antecipe outros textos.

Fairclough (2001a) também compartilha dessa perspectiva discursiva, inclusive considera a noção de discurso foucaultiana como maior contribuição do filósofo para a Análise de Discurso Crítica. Para ele, o discurso é socialmente constitutivo, dado que a linguagem não nomeia, não significa simplesmente as coisas contidas na realidade, mas atua ativamente no processo de significação da realidade. “Renunciaremos, pois, a ver no discurso um fenômeno de expressão - a tradução verbal de uma síntese realizada em algum outro lugar; nele buscaremos antes um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade.” (Foucault, 2008; p.61). Portanto, entendemos que o discurso, nessa configuração, vai além da concepção linguística de denominação ou conceituação das coisas, das pessoas, do mundo. Ele compõe, enquanto prática, um conjunto de enunciados sancionados socialmente que constitui o sujeito em um dado momento histórico.

[...] o sujeito, mais especificamente, o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um 'eu' individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. A voz desse sujeito revela o lugar social; logo expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade social, de sua voz ecoam vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico. (Fernandes, 2005; p.33-34)

Dessa forma, o conceito de discurso está intrinsecamente relacionado à constituição dos sujeitos, visto que a linguagem, notada socialmente e historicamente, estabelece uma interação entre o sujeito e o mundo, permeado de discursos diversos e de diferentes âmbitos sociais, criando, assim, um espaço de circulação de vozes sociais, ou seja, o sujeito discursivo.

Isso nos permite concluir, junto de Foucault (2008), que o sujeito discursivo não compreende,

então, um ser singular, individualizado, único e centrado em si, pelo contrário, o sujeito é uma construção, um efeito do discurso de uma época e não de outra.

[...] as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam sua dispersão: nos diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala. Se esses planos estão ligados por um sistema de relações, este não é estabelecido pela atividade sintética de uma consciência idêntica a si, muda e anterior a qualquer palavra, mas pela especificidade de uma prática discursiva. (Foucault, 2008; p.61)

A presença do outro, representado por uma voz social no sentido bakhtiniano, constitui o contexto de uma prática discursiva. A vida em sociedade, em comunidades, a relação com o outro constitui os sujeitos, que são múltiplos, contingentes e, conseqüentemente, levam-nos a posicionar-se em determinadas identidades sociais.

[As] 'identidades' flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e que é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. (Bauman, 2005; p.19)

As identidades são voláteis e estão constantemente em transformações, uma vez que os sujeitos não se encontram mais centrados e arraigados em uma posição ou outra de identidade. No entanto, o que faz uma identidade prevalecer sobre outra está relacionada às aceitações ou refutações de materiais simbólicos que representam uma certa identidade, isto é, a identidade se dá segundo representações do mundo social (Woodward, 2008). Entendemos por representação os mecanismos de significação pelos quais os significados são produzidos discursivamente, convocando-nos como sujeitos. Assim, quando nos identificamos com um modelo de representação, assumimos uma determinada posição de identidade dentro de um contexto social específico, imbuído de relações de poder.

Desse modo, compreendemos que os sujeitos fazem uso (ou são levados a fazerem uso) de determinadas estruturas linguísticas ou assumem (ou são levados a assumir) determinadas vozes sociais, articulando-as em um campo de diversas possibilidades a fim de engajar-se em lutas sociais pelo poder (Resende e Ramalho, 2006; p.18). No próximo tópico discutiremos como se articulam o poder e o saber em prol da constituição dos sujeitos.

O Sujeito como Efeito de Relações de Poder-Saber

Como o próprio Foucault afirma (1995, p.231), seu maior objetivo não foi investigar o fenômeno do poder, tampouco delinear uma teoria sobre tal investigação. Ao contrário disso, buscou “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos.”

Para chegar a tal conclusão, Foucault desenvolveu ferramentas de análise que compreendem a arqueologia como o estudo da constituição dos saberes, a genealogia como o estudo das relações de poder e as tecnologias de si como investigação da ética. Essas ferramentas foucaultianas não são estanques, únicas no sentido de serem isoladas em si, mas constituem uma inter-relação entre elas (Veiga-Neto, 2005), da qual destacamos a relação entre poder e saber, visto que esses conceitos tornam-se bastante relevantes para esta pesquisa, pois nos leva a compreender como determinados modos de produção de sujeitos (que inferimos como posições de identidade) emergem e sustentam-se em microesferas sociais, neste caso em um blog escolar.

Na visão foucaultiana, a questão política penetra nas relações sociais como manifestações de nossa capacidade de influenciar, afetar, provocar reações nas ações alheias. Assim, as relações de poder envolvem toda uma sociedade e a envolvem no que temos de mais concreto e material: nossos corpos (Veiga-Neto, 2005; p.142). Nesse sentido, Foucault (2004b) trabalha com o conceito de micropoder, uma vez que o poder dissipa-se, espalha-se, alastra-se, difundi-se em cada partícula social, que somos nós, tornando-nos domesticados, organizados, sujeitados.

[...] não se trata de analisar as formas regulamentares e legítimas do poder em seu centro, no que possam ser seus mecanismos gerais e seus efeitos constantes. Trata-se, ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas

suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento. (Foucault, 2004b; p. 102)

Segundo o filósofo francês, o micropoder produz sujeitos, valores, saberes, não de maneira imposta por ações violentas sobre um corpo, mas por uma “ação sobre ações”, são práticas constantes de ações para intervir sobre o(s) outro(s). O poder, nessa perspectiva, atua como efeito da vontade que temos de agir sobre a ação alheia de modo a criar mecanismos de dominação no propósito de governar, ou seja, de administrar, conduzir, dirigir condutas, em distinção à concepção de governo que a Ciência Política adotou no decorrer da história (Veiga-Neto, 2005). Portanto, a governamentalidade dos corpos age por uma maneira invisível e incorpórea de dominação, na qual organiza uma estrutura de ação às atividades alheias (Foucault, 1995).

Sob esse panorama teórico, entendemos que a força do poder não está concentrada em um objeto social (o Estado, um grupo, ou até mesmo, um soberano), mas está diluído, espalhado por toda a camada social. Ou seja,

[...] as relações de poder são 'desiguais e móveis'. O poder não é uma mercadoria, uma posição, uma recompensa ou uma trama, é a operação de tecnologias políticas através do corpo social. O funcionamento destes rituais políticos de poder é exatamente o que estabelece as relações desiguais e assimétricas. (Dreyfus & Rabinow, 1995; p. 203)

Se não existe o poder, como um objeto a possuir, mas existem práticas de poder, podemos afirmar que o poder é multidirecional, pois opera em várias direções - não só de cima para baixo como pensa algumas teorias marxistas (Foucault, 2004b), e descentralizado já que não emana de um centro tido como concentração de poder e força, pois:

o Estado não é fonte central do poder, mas sim uma matriz de individualização 'sobre' a qual cada um tem construída a sua subjetividade, vive sua vida e pratica suas ações. O poder se exerce no Estado, mas não se deriva dele; pelo

contrário, o poder se estatizou ao se abrigar e se legitimar sob a tutela das instituições estatais. (Veiga-Neto, 2005; p.145)

A construção, a aceitação e divulgação de saberes constitui uma estratégia metódica do poder. O saber, entendido como um conjunto de elementos formados regularmente por uma prática discursiva e que são indispensáveis à constituição de uma ciência (Foucault, 2008; p.204), funciona como alicerces do poder.

[...] o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem a constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de “poder-saber” não devem ser analisadas a partir de um sujeito de conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema de poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimento são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento. (Foucault, 2009; p.30)

Como se percebe, o poder-saber compõe uma articulação da origem e transformações de saberes com a explicação do surgimento desses saberes arraigados de elementos políticos. Assim, a prática do poder implica na construção de saberes, ou seja, todo saber assegura a onisciência do poder.

Na próxima seção, discutimos como essa relação de poder-saber, imbricada em práticas de letramento escolar, atravessa os sujeitos e os conduzem consequentemente a certas posições de identidade.

Letramento Escolar e a Mecânica do Disciplinamento

Ao percorrer o viés educacional, observamos

que as práticas de letramento escolarizadas subjazem pressupostos para além do modelo autônomo de letramento proposto por Street (1984). Quer dizer, a escrita na escola representa mais do que uma tecnologia centrada em si e engendram jogos discursivos que dirigem o discernimento dos sujeitos entre verdadeiro e falso pelo apreço de certos discursos tomados socialmente como “verdades absolutas” e indubitáveis, a saber os “regimes de verdade.”

Entendemos por verdade, não a propriedade de estar conforme com os fatos ou a realidade; uma exatidão, autenticidade ou veracidade, mas o conjunto de regras pelo qual são produzidos e veiculados enunciados incontestáveis, aceitos socialmente como legítimos (Foucault, 2004b). Assim, a “economia política da verdade” ou os “regimes de verdade” atuam em paralelo ao discurso científico e às instituições que o produzem, já que elas consistem meios de acesso fácil e rápido ao corpo social, garantindo a multiplicação da verdade, bem como dos interesses políticos e econômicos de grupos sociais dominantes.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos reguladores de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (Foucault, 2004b; p.12)

Se o poder e a verdade (incumbida de saber) estão intrinsecamente imbricados num círculo discursivo, se o poder produz saber e os saberes edificam relações específicas de poder, então todo discurso opera em “regimes de verdade”. Portanto, a educação produz, apoia, induz e reproduz seus próprios regimes de verdade, prosperando à luz de mecanismos estratégicos de poder que dominam os corpos através da mecânica do disciplinamento.

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-

utilidade, são o que podemos chamar as 'disciplinas'. [...] O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma 'anatomia política', que é também igualmente uma 'mecânica do poder', está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer [grifo nosso], com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. (Foucault, 2009, p.133)

As disciplinas operam no controle meticuloso dos corpos, cujo objetivo é torná-los úteis às diversas áreas da vida social e, conseqüentemente, manter a proeminência de certas relações de poder. Segundo Foucault (2009), no decorrer da história foi necessário à sociedade a invenção e o funcionamento articulado de instituições de controle e disciplinamento como a escola, a penitenciária, o manicômio, o hospital, a fábrica, a família etc. Daí entendemos a relação que a escola estabelece com o controle disciplinar: “fabricar corpos dóceis” a fim de realizar o que se quer e não simplesmente fazer o que se tem vontade.

Vale a pena destacar que o disciplinamento “é uma técnica, não uma instituição” (Dreyfus & Rabinow, 1995; p.169), mas opera quase que totalmente arraigada em instituições de controle, como a escola. Nessas condições, a instituição educacional surgiu, conforme pensamento foucaultiano, para criar sujeitos necessários à sociedade vigente e, para isso, apropriou-se dos instrumentos essenciais do disciplinamento: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e, principalmente, o exame.

Já notamos que o corpo compõe uma micropartícula de poder que opera em múltiplas relações sociais, disseminando-se mais facilmente por toda a sociedade e contribuindo, assim, para o bom funcionamento disciplinar, uma vez que os sujeitos são conduzidos a um permanente e minucioso controle de uns sobre os outros, o que Foucault (2009) chama de vigilância hierárquica.

Para que essa forma de controle fosse amplamente alargada, a observação hierarquizada constituiu espaços disciplinares estratégicos que dispunham de toda uma arquitetura em prol da vigilância contínua. Por isso, o “próprio edifício da Escola devia ser um aparelho de vigiar; os quartos

eram repartidos ao longo de um corredor como uma série de pequenas celas; a intervalos regulares, encontrava-se um alojamento de oficial (...)” (Foucault, 2009; p.166).

Tendo constituído uma organização hierarquizada de vigilância e controle em campos arquitetônicos apropriados, é necessário um regime operacional interno, um regulamento que articule essa relação de poder. A sanção normalizadora constitui essa ideia e estabelece um pequeno sistema penal nas instituições, nas quais micropenalidades são aplicadas a fim de coagir e reprimir os sujeitos. Nesse sistema de coerções, a punição age como exercício corretivo dos desvios às normas regentes e instala um processo de pena-recompensa, no qual os sujeitos são examinados segundo aos critérios de bem ou mal, os quais Foucault (1995) marca como “antagonismo das estratégias”. Dessa forma, a “divisão segundo as classificações ou os graus tem um duplo papel: marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar.” (Foucault, 2009; p.174).

A escola institui, por exemplo, essa “hierarquização honorífica” de duplo efeito sobre os sujeitos, pois distribui

os alunos segundo suas aptidões e seu comportamento, portanto segundo o uso que se poderá fazer deles quando saírem da escola; [e exerce] sobre eles uma pressão constante, para que se submetam todos ao mesmo modelo, para que sejam obrigados todos juntos “à subordinação, à docilidade, à atenção nos estudos e nos exercícios, e à exata prática dos deveres e de todas as partes da disciplina”. Para que, todos, se pareçam. (Foucault, 2009; p.175)

Tornar os sujeitos iguais, isto é, *normalizá-los*, garante um controle mais incisivo sobre os corpos. Essa prática de normalização é complexa e está a cargo da escola que até hoje impõe uma *homogeneidade* de controle e disciplina, ao mesmo tempo em que diferencia (e pune) os sujeitos pelos desvios *individuais* de suas ações.

Compreende-se que o poder da norma funcione facilmente dentro de um sistema de igualdade formal, pois dentro de uma homogeneidade que é a regra, ele introduz, como um imperativo útil e resultado de uma medida, toda a gradação das diferenças individuais. (Foucault, 2009; p.177)

Essa ideia um tanto quanto paradoxal, pois homogeneiza e individualiza simultaneamente, torna-se possível pelo exercício do exame, o qual Foucault (2009) define como uma articulação da vigilância e da regulamentação, pois o “exame supõe um mecanismo que liga um certo tipo de formação de saber a uma certa forma de exercício do poder.” (Foucault, 2009; p.179), introduzindo o sujeito ao ritual do documentário com ininterruptas anotações escritas. Dossiês, relatórios, avaliações, todo um arsenal documental que registra, nos mínimos detalhes, comportamentos e aprendizagens do sujeito, para que ele possa ser “descrito, mensurado, medido, comparado a outros e isso em sua própria individualidade” e também se tiver que “ser treinado ou retreinado, tem que ser classificado, normalizado, excluído etc.” (Foucault, 2009; p.183), marcando, assim, um relato biográfico.

Portanto, percebemos que a instituição educacional de ontem e de hoje mantém seus “discursos verdadeiros” em uma articulação intrínseca com a escrita com o intuito de vigiar, controlar, normalizar os sujeitos numa relação hegemônica de poder. Vejamos agora como isso acontece em nosso corpus de pesquisa.

O blog escolar e a constituição dos sujeitos em práticas de letramento

Como já mencionamos, este artigo contempla pesquisa realizada em 2008, no qual o blog escolar constituiu-se como recurso tecnológico para as aulas de língua portuguesa a fim de prover um novo espaço para as interações escolares, principalmente para as atividades do Currículo Pedagógico orientado pela Secretaria da Educação do Estado, com os alunos de uma turma de 1º ano de Ensino Médio de uma dada escola pública, do centro da cidade de Atibaia, interior do estado de São Paulo.

A professora ministrava as aulas em classe e eventualmente delegava algumas atividades para serem realizadas no blog escolar, sempre relacionadas ao conteúdo da disciplina.

Participaram como autores do blog escolar vinte e dois alunos de trinta e oito alunos que compunham a turma, sendo seis deles e a professora administradores do programa, isto é, tinham permissão para alterar template do blog escolar, cores, tipos e tamanhos de letras, dar acesso de autoria a outros alunos da classe etc. No entanto, independente da função que assumiram ou não no blog escolar, selecionamos cinco alunos que fazem parte de nosso corpus de pesquisa, além da

professora. Analisamos alguns dos textos publicados por esses sujeitos no blog escolar, uma vez que julgamos os segmentos selecionados mais ilustrativos para a análise proposta.

Diante desse contexto, iniciamos nossas indagações com a análise de que o aplicativo blog não foi escolhido aleatoriamente pela professora. Dentre a gama de recursos digitais que nos circunscreve, a docente optou pelo diário virtual (assim também conhecido o blog), pois pressupunha que trabalhar com um projeto pedagógico mediado pelo uso da internet e suas tecnologias fossem objetos atrativos aos olhos dos alunos, até mesmo porque o blog tem em sua maioria usuários adolescentes, conforme mostra pesquisa de Momesso de Oliveira (2004) sobre a escrita de adolescentes em blogs.

Contudo, observamos que outras ferramentas da internet como o Orkut e o MSN também atraem muitos jovens. Então, questiona-se: por que não trabalhar com outro aplicativo digital? Por que usar o blog? Porque essa escolha não está na ordem subjetiva da professora como um ser consciente de si, uma vez que os sujeitos são constitutivos de discursos pelos quais circulam diversas vozes sociais com visões políticas distintas (Foucault, 2008). Esses interesses agregam regimes de verdade, isto é, discursos sancionados socialmente como verdades absolutas (Foucault, 2004b) que constituem a docente como sujeito do discurso educacional.

Uma dessas verdades pode ser atribuída ao gerenciamento hegemônico do professor em relação aos alunos, ou seja, a escola como instituição de controle disciplinar (Foucault, 2009), onde os corpos são treinados, adestrados de modo a serem úteis a sociedade, coloca sobre o papel docente a responsabilidade de controlar, vigiar, educar os estudantes no perímetro escolar. Assim, tomada por essa verdade, a professora acaba optando por um recurso que possa manter alguns mecanismos que conferem esse controle. O MSN foge dessa característica, por exemplo, pois os registros são instantâneos, isto é, não permanecem no sistema para consultas posteriores. Ele também é um sistema aberto ao público, o que significa que os alunos e os “não-alunos” (amigos, parentes, todos) têm acesso ao conteúdo exposto, tornando possível a presença de interferências e a dispersão da turma aos propósitos pedagógicos. No caso do Orkut, a dificuldade deve-se ao fato de que os registros são manipulados pelo usuário que pode manter ou excluir suas publicações quando desejar, aspecto que não contribui para o domínio do professor. À medida que outros dispositivos digitais não oferecem a competência do

“controle soberano”, a escolha da professora por empregar práticas pedagógicas mediadas pelo blog pode ser vista dessa forma. O blog lhe oferece mais mecanismos de controle, como mostra o comentário do aluno Vinícius sobre o uso do blog nas aulas de língua portuguesa “(...) Auxiliou muito, facilitou o controle da 'inconseqüência', digo, como se usa muito a internet, o acesso fácil ajudou a muitos em lembrar das responsabilidades.”

É importante destacar que os recursos digitais disponíveis na Rede (blog, MSM, Orkut, e-mail etc) configuram mecanismos de poder aperfeiçoados e atualizados para nossa época. Segundo Bauman (1999), a internet armazena todas as informações em bancos de dados pelos quais os sujeitos são selecionados e focalizados por uma visão sinóptica que transforma assim as relações de poder na contemporaneidade. Entretanto, esse banco de dados não está no alcance da professora, como discutimos a pouco nos exemplos do MSN e do Orkut, o que leva a docente a descartá-los e a utilizar outro recurso, cujo banco de informações esteja sob seu domínio.

E mais, o sujeito-aluno é devidamente identificado e reconhecido no blog escolar por seu login e posts, ao mesmo tempo em que tece relações peculiares de poder-saber nesse espaço. Quer dizer, o registro escrito garante, na ótica foucaultiana, a prática do exame (Foucault, 2009) que combina a estrutura panóptica de vigilância hierarquizada à sanção normalizadora e compõe assim um dispositivo unânime nas atividades escolarizadas. Dessa forma, recaímos na afirmação de que o blog garante a (re)construção dos mecanismos disciplinares regentes no âmbito educacional com recursos eficientes de controle e vigilância próprios de sua natureza virtual. Observemos o Texto 1 como exemplo:

Texto 1 – *Post da Professora sobre o uso do blog*

Exploração...

Explore o máximo o espaço que vocês criam...

Divulguem seus textos escolares ou elaborem novas produções de tema livre, porém apropriados para os amiguinhos da escola, tá! Vocês terão que realizar esta tarefa até o dia 18/out (sábado). Vai valer pontinho, ok?!

Abraços... []s

Profa. Samanta 11/10/2008

19:56

No Texto 1, a frase “Explore o máximo o espaço que vocês criam” apresenta a autoridade da

professora, típica na escola e agora na internet, em fazer com que seus alunos utilizem o blog em atividades escolares, reforçada pelo verbo na forma imperativa como também acontece no trecho “Vai valer pontinho, ok?!”. Além disso a ideia semântica da expressão conduz nossa análise às particularidades da sanção normalizadora de pena-recompensa (Foucault, 2009), visto que os alunos receberão uma gratificação se cumprirem adequadamente às atividades da aula, caso contrário, serão penalizados com o prejuízo do ponto na nota.

O segmento “ou elaborem novas produções de tema livre” revela até uma tentativa de fuga da supremacia escolar, ou melhor, há uma dissimulação do controle quando se abre para outras possibilidades, mas a rédea é colocada logo em seguida quando a docente completa “porém apropriados para os amiguinhos da escola, tá!”. Destacamos ainda nesse segmento que o termo “amiguinhos” infantiliza as relações entre professor e alunos, marcada também pelo uso da palavra “pontinho”, o que corrobora para a não apropriação do blog pelos alunos. Por outro lado, podemos ainda dizer que o diminutivo empregado na palavra “ponto” subjaz dois discursos que se confrontam: o de autoridade e o de atenuação dessa autoridade. Trata-se de um sujeito-professor dividido em dois lugares discursivos: o primeiro condiz com a posição tradicional de pedagogia de professor com autoridade e o segundo refere-se às novas tendências educacionais, nas quais o professor é mediador, contemporizador e faz uso da afetividade como estratégia pedagógica.

A ordem regulada das tarefas em “Vocês terão que realizar esta tarefa até o dia 18/out (sábado.)” demonstra que os aspectos temporais e espaciais (Bauman, 2005; Hall, 2005) não se restringem, respectivamente, ao horário escolar e nem ao espaço físico da instituição, tendo a professora o monitoramento das atividades discentes em períodos e ambientes diferentes do escolar pelo acesso à internet, isto é, graças à virtualidade (Levy, 2003) que torna os corpos presentes de modo abstrato. Isso representa um poder ampliado sobre os corpos, uma vez que não existe expediente escolar aos sábados e tanto os alunos quanto a professora devem desempenhar seus papéis virtualmente como se estivessem em sala de aula.

Esquadrinhar os alunos, saber quem participa das atividades pedagógicas propostas no blog, regular os textos que devem ser publicados como posts, enfim, todas essas medidas de especulação dos sujeitos mostram a supremacia da escrita no regime disciplinar. Em todo o excerto do Texto 1, por

exemplo, identificamos essa “necessidade do registro”, o que nos leva a conclusão de que o blog opera nas mesmas circunstâncias da escola, ou seja, as relações de poder-saber entre professor e alunos já estão estabelecidas e incorporadas pelos regimes de verdade que os atravessam, favorecendo para que esse novo espaço mantenha-se preso aos constructos vigentes nas instituições educacionais.

Portanto, podemos concluir que o blog escolar não operou uma nova proposta pedagógica, pelo contrário, ratificou antigas e ainda vigentes práticas de letramento escolarizadas, subsidiadas por verdades incontestáveis que asseguram a postura dos mecanismos de controle disciplinar no espaço virtual. Veremos no próximo item como a disciplinarização dos corpos promovida por essas práticas letradas mediadas pelo blog escolar contribuem para a construção de posições de identidade.

As representações identitárias dos alunos no blog escolar

Visto que os discursos articulam diferentes visões de mundo, as quais dependem da posição que o sujeito ocupa nas relações sociais, há nas práticas letradas com o blog escolar a circulação de múltiplas vozes discursivas que são assumidas pelos membros desse contexto. No blog 1h2008 (nome dado ao blog escolar em questão), a maioria dos textos publicados responde a uma atividade iniciada na sala de aula, como mostra o texto a seguir:

Texto 2 – Comentário da aluna Telma sobre a produção de um texto para o blog escolar

Como a professora pediu; um texto para o blog!!! [grifo nosso]

Não sei se está bom, mas ficarei feliz em ler comentários por parte de todos os integrantes do blog. Todos os tipos de comentário; críticas positivas, ou não, sugestões e quais quer outras!!!

Então ok!!!

Bjaum!!!

16/10/08

14:57

O trecho destacado no Texto 2 exemplifica a resposta da aluna à professora sobre a atividade solicitada na aula, que consistia na produção ou reprodução de um texto que os alunos gostassem e publicassem no blog escolar, mantendo o elo dialógico do discurso. No continuum do texto da aluna, o fragmento “(...) ficarei feliz em ler comentários por parte de todos os integrantes do

blog.” retoma indiretamente a fala da professora em sala de aula, bem como reproduz diretamente a intenção homogeneizadora da professora exposta no Texto 2 assim “(...) precisamos incentivar os outros alunos a acessar o blog (...)”, entrelaçando o discurso pedagógico e o comentário da aluna na posição-sujeito que ela ocupa nesse contexto. Isso significa que o texto da aluna revela mais do que a dialética discursiva, isto é, a composição múltipla do sujeito dos discursos, e demonstra como são estabelecidas as relações de identidade nesse recorte, estabelecendo o que é e não é permitido dizer e quem é e não é permitido manifestar o seu dizer (Foucault, 2004a).

Essa afirmação torna-se mais evidente quando observamos a expressão “Como a professora pediu; um texto para o blog!!!”, presente no mesmo exemplo (Texto 2). O trecho mostra que a aluna não fala com a professora, mas sim com os demais alunos participantes do blog escolar, expondo a posição identitária que ocupa nesse contexto. Esse posicionamento discursivo conota o reconhecimento social da voz dessa aluna em manifestar o seu dizer, pois tem a permissão de representar o professor em sua “ausência”, digamos física. Isso significa que a aluna aprova e sustenta o papel docente substituindo-o e mostrando aos demais que “cumpru seu dever” de aluno, pois para ela ser aluno é

“mais do que levantar cedo, vir à escola e sentar em uma cadeira de uma sala de aula. Estudante é uma profissão e como todas as profissões devemos ser responsáveis, cumprindo nossa função (nosso dever). Procuro sempre dar o meu melhor: realizar todas as atividades propostas e respeitar todos ao meu redor.” (Questionário respondido por Telma)

Dessa forma, qual posição de aluno cumpriria exatamente a solicitação da professora? Percebe-se que a estudante Telma assume a posição de identidade de “melhor aluno” da classe, haja vista que ela assume em sua própria fala a perseverança de cumprir seu papel de aluno, ilustrada na citação acima. Além disso, ela tomou (sempre) a iniciativa de publicar, de primeira mão, uma produção de sua autoria (tão solicitada pela professora) para o blog da turma, explicitado pela data e hora exibido nos posts. É o mesmo papel de aluno que levanta a mão primeiro para responder à pergunta do professor em sala de aula ou aquele que quer sempre responder primeiro. Assim, a aluna reafirma neste trecho do Texto 2 “(...) ficarei feliz em ler comentários por

parte de todos os integrantes do blog.” a posição assumida na prática social por meio da representação do discurso da professora manifesto, por exemplo, no Texto 2 como “(...) precisamos incentivar os outros alunos a acessar o blog (...)”

Isso indica que as posições hierárquicas não são alteradas no blog, pelo contrário, há uma transposição do que já se estabeleceu em sala de aula. A menção da professora no referido ambiente é mantida pela própria docente quando marca sua identidade assinando “Profa. Samanta”, como citado no trecho 2, e agora marcada pelo(s) aluno(s):

Texto 3 – Opinião da aluna Telma sobre o uso do *blog* escolar

Olá professora! [grifo nosso]

Bem, eu acho interessante publicar um calendário de provas, trabalhos, lições do dia e exercícios a serem feitos para o dia seguinte!!! Também é interessante discutirmos sobre assuntos da atualidade, onde cada membro daria sua opinião. Poderia-se ainda deixar mensagens e pensamentos pessoais...

Ok?!! Bjaum....

27/08/08 14:49

O trecho mostra que as posições identitárias dos sujeitos manifestadas no ambiente físico da escola (a sala de aula) transportam-se para o espaço virtual, onde, por exemplo, a aluna posicionada como a “melhor” da sala é a primeira a participar da atividade proposta, cuja opinião acerca da pergunta lançada pela professora sobre como utilizar o blog é reforçado pelos outros poucos alunos que opinaram, como ilustra o seguinte texto:

Texto 4 – Opinião da aluna Bianca sobre o uso do *blog* escolar

Oiie...

Achei bem interessante o que a Telma sugeriu. [grifo nosso]

Acho que seria uma boa ideia postar aqui as atividades a serem feitas não só dá matéria de português mais das outras também. Colocar as dúvidas que ocorreram em alguma lição, acho que poderíamos não flar somente das coisas da escola e sim coisas que nos interessa fora da vida escolar, cometar as coisas do dia-a-dia. Como a senhora falo professora diario virtual porque não virar um diario dos alunos, as vezes temos alguma coisa pra fala que não queremos falar pessoalmente com a pessoa

talvez tenhamos vergonha ou algo parecido aqui poderia ser talvez uma maneira mais facil de nos expressar.

Bom acho que é mais ou menos isso

Beeijos

27/08/08 21:36

É como se os(as) outros(as) alunos(as) só pudessem se expressar depois da tal aluna. Isso revela que a representação do que ser um “bom aluno” está presente no discurso que a “melhor aluna” vai proferir, confirmada pela citação valorativa da opinião da referida aluna também expressa no próximo exemplo:

Texto 5 – Opinião da aluna Lígia sobre o uso do *blog* escolar

Oi prof!

Bom, achei a idéia da telma. ótima [grifo nosso], a maioria dos alunos da sala estão de acordo que o calendario com as provas, trabalhos e lições do dia seria muito bem aproveitada por todos!

Tambem acho interessante podermos fugir um pouco dos assuntos escolares e tratar de assuntos do dia-a-dia, poder publicar letras de musica, pensamentos pessoais, assuntos de interesse geral para que possamos discutirmos e etc..

bjus!

28/08/08 17:48

As opiniões apreciativas de Bianca e Lígia à fala de Telma, expostas nos textos 5 e 6, revelam outra posição de identidade presente no contexto escolar. Aquele aluno que não cumpre todas as atividades propostas pelo professor em sala de aula, mas também não deixa de realizar a maioria delas, constitui uma posição identitária de “bom aluno”, ou seja, são estudantes que apresentam a maior parte das notas “dentro da média” esperada e comportamento quase sempre “disciplinado” no sentido foucaultiano de estar sujeito a, de ser dócil e cumprir as expectativas escolares, como nota Bianca em questionário respondido para esta pesquisa, cuja pergunta centrava na ideia do que era ser aluno e como ela se via nessa situação: “Para mim ser aluno é estar disposto sempre em aprender, me vejo nessa posição como alguém que aprende a cada dia mais para que no futuro alcance meus objetivos.”. Nesse caso, tanto Bianca quanto Lígia desempenham esse papel de “aluno bom”, pois Lígia também se vê como tal: “Bem ser aluno é participar das atividades e

trabalhos, ter um bom comportamento e ajudar os colegas que precisam além de fazer muitas amizades. Me vejo como uma boa aluna (...)"

Além disso, há um desejo em ambos os comentários (de Telma e Lígia) de demonstrar sua identidade, que não é a de aluno, mas aquela identidade que não é (ou não pode ser) assumida na escola. Inclusive a fala de Bianca aponta como são estabelecidas as relações entre professor e aluno na escola e que no blog escolar poderia ser diferente, pois a virtualidade permite a suspensão dos corpos em ausência e presença, o que facilitaria a comunicação entre docentes e discentes.

Como a senhora falo professora diário virtual porque não virar um diário dos alunos, as vezes temos alguma coisa pra fala que não queremos falar pessoalmente com a pessoa talvez tenhamos vergonha ou algo parecido aqui poderia ser talvez uma maneira mais fácil de nos expressar. (Trecho do Texto 4 - Opinião da aluna Bianca sobre o uso do blog escolar).

Portanto, discorremos nessa seção como os sujeitos estão constantemente dispostos a discursos que representam uma ou outra identidade e que constroem relações de poder-saber em qualquer circunstância, seja na escola, seja na internet.

Algumas Considerações...

Apesar de todos os conceitos foucaultianos abordados neste artigo serem amplamente relevantes para a prática educacional, gostaríamos de destacar a desconstrução de nosso olhar para com o mundo, a escola, os alunos etc. Romper valores, questionar rotinas, buscar estratégias nunca antes pautadas, não é tarefa fácil, tampouco impossível.

A “crítica da crítica” do pensamento foucaultiano ou hipercrítica foucaultiana, como Veiga-Neto costuma chamar, ilustra nossa maior contribuição para uma nova perspectiva para a educação, pois

[...] implica uma analítica que não acusa nem lastima, uma vez que isso significaria pressupor, de antemão, uma verdade, um mundo melhor, em relação à qual e ao qual a análise se daria. Se quisermos um mundo melhor, teremos de inventá-lo, já sabendo que conforme vamos nos descolando para ele, ele vai mudando de lugar. [...] Mas, ao invés de isso nos desanimar, é justamente isso que tem

de nos botar, sem arrogância e o quanto antes, a caminho. [grifo nosso] (Veiga-Neto, 2005; p. 31)

O que queremos dizer é que este trabalho de pesquisa não aponta um sujeito prostrado, impotente diante de “ordens discursivas” de poder-saber, até mesmo porque não haveria novas propostas pedagógicas e/ou alunos indisciplinados. Apresentar uma pesquisa no campo educacional sob a perspectiva foucaultiana permite-nos resgatar a todo momento nossas motivações para ocupar a posição de docente. Significa questionar nosso procedimento mais comum, mais óbvio e refletirmos se ele ainda é uma conduta significativa aos nossos alunos e a nós mesmos. Ou seja, coloca-nos constantemente na produção de novas possibilidades educacionais, mesmo diante dos desafios mais árduos.

Referências

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In: M. Bakhtin, *Estética da Criação Verbal*, Trad. Paulo Bezerra, 4ª ed., p. 277-326. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTON, D. *Literacy – An introduction to the ecology of written language*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRAGA, D. B. *A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital*. In: *Hipertexto e gêneros digitais – novas formas de construção de sentido*. L. A. Marcuschi & A. C. Xavier (orgs.), 2ª ed., p. 144-162. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DREYFUS, H. & RABINOW, P. *Michael Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

- FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse – textual analysis for social research*. New York: Routledge, 2001.
- FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FOUCAULT, M. *O Sujeito e o Poder*. In: Dreyfus, H. & Rabinow, P. *Michael Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de A. Sampaio. 10ª ed., São Paulo: Loyola, 2004a.
- _____. *Microfísica do Poder*. Org. e trad. Roberto Machado. 20ª ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004b.
- _____. *Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed., 3ª reimpressão. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2008.
- _____. *Vigiar e Punir*. Trad. Raquel Ramallete. 36ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- HALL, S. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- KLEIMAN, A. *Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola*. In: Angela B. Kleiman (org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. p. 15-61. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- LEVY, P. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. 6ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2003.
- MARCUSCHI, L.A. *O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula*. *Linguagem & Ensino*, vol. 4, nº1, p.79-111, 2001.
- _____. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: L. A. Marcuschi & A. C. Xavier (orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 2ª ed., p.13-67. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MASCIA, M.A.A. *Discursos Monográficos nos Movimentos da Globalização versus Virtualização e da Pós-Modernidade*. In: REVERTE 2. Fatec – ID, 2004.
- MOITA LOPES, L. P. *Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença*. In: Inês Signorini (org.) *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. 2ª reimpressão. p. 303-330. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.
- MOMESSO DE OLIVEIRA, M. R. *Weblogs: a exposição de subjetividades adolescentes*. In: Vanice Sargentini, Pedro Navarro-Barbosa (orgs.) *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade*. p. 201-214. São Carlos: Claraluz, 2004.
- PINHEIRO, P. A. *Letramento Digital como possibilidade de viver a experiência errante das identidades sociais*. Dissertação (Mestrado) defendida ao Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada, UFRJ, 2007.
- RESENDE, V.M. & RAMALHO, V. *Análise do discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.
- SOARES, M. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. *Revista Brasileira de Educação*, 26ª Reunião Anual da ANPED. 2003.
- STREET, B.V. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.
- VEIGA-NETO, A. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ªed., 1ª reimpressão, 2005.
- WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 8ª ed., p. 7-72. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SITES:
<http://eejosealvim-1h2008.blogspot.com/> (último acesso em 20/07/2009, às 10h30)
http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=internet_e_cia.glossario_principal (último acesso em 18/06/2010, às 15h30)

Sobre as autoras

Samanta Rodrigues Sousa Sozzi: Mestre em Educação pela Universidade São Francisco Itatiba, com pesquisa em desenvolvimento na área de Linguagem; possui graduação em Letras e é professora de Língua Portuguesa na rede estadual de ensino.

Jackeline Rodrigues Mendes: Doutora em Linguística Aplicada pela Unicamp e Professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade São Francisco – Itatiba, com pesquisa em desenvolvimento na área de Linguagem.